

Medo cala denúncias na Grande Vitória

O tráfico de drogas quase sempre está ligado às redes de prostituição infantil, o que leva envolvidos a manter o silêncio

Em troca de drogas ou comida, há pais que são capazes de "comercializar" suas filhas, vendê-las a cafetões e oferecê-las a qualquer um.

Observadoras e protagonistas do que acontece nas ruas, as que fazem parte de redes de prostituição sabem o risco que correm no contato praticamente inevitável com traficantes de drogas, conforme afirmou a juíza da Infância e Juventude de Vila Velha, Patrícia Neves.

Nem mesmo a direção do Sindicato das Minorias Sexualmente Discriminadas aceita falar sobre esses casos, temendo represálias dos criminosos.

As pessoas que se propõem a falar são amparadas pelo Programa de Proteção à Testemunha. Seus nomes são mantidos em sigilo absoluto, sem que nenhuma informação sobre elas seja fornecida.

Segundo Patrícia, quando as suspeitas são confirmadas, os pais envolvidos na exploração sexual são destituídos do pátrio poder.

Os menores são encaminhados a abrigos provisórios, amparados por outros parentes.

Se não houver familiares que atendam às condições, os menores são colocados em abrigos permanentes.

A coordenadora do Programa de Atendimento às Vítimas

de Violência Sexual (Pavivis), Margarita Garcia de Matheus, contou que casos que envolvem a exploração de menores por parte dos próprios familiares chegam constantemente ao projeto.

As informações são mantidas em segredo para preservar a identidade.

RELATOS

O coordenador do Projeto Sentinela, situado em Vila Velha, Sidney Roberto Henrique, ressaltou que já ouviu relatos tão surpreendentes quanto difíceis de serem comprovados.

"Certa vez, fiquei conhecendo um caso que a mãe alcoólatra vendia a filha por uma garrafa de cerveja", comentou.

Antes de emitir qualquer julgamento, a advogada Ivone Vilanova, do Fórum de Mulheres do Espírito Santo, resalta: é preciso conhecer a história de miséria dessas famílias.

"Muitas mães são relegadas à própria sorte e não têm como sobreviver. São mulheres que têm histórias marcantes e atuam também como prostitutas", conta.

Ivone afirmou que conhece algumas mulheres que usam as filhas na prostituição mas ficam tão amedrontadas que preferem não falar sobre o assunto, mesmo que o nome não seja divulgado.

"Não sei quem é o pai"

"Comecei a me prostituir aos 13 anos de idade, quando saí da casa de meus pais. Fugi porque sentia necessidade de comprar coisas para a casa e para mim, pois minha família ainda é muito pobre. Minha mãe não gostava disso e nunca me incentivou.

Me prostituía na Praia da Costa (em Vila Velha). Transava com vários homens e nunca me preocupei em usar camisinha. Agora estou grávida de cinco meses e não sei quem é o pai do meu filho.

Deixei de me prostituir quando a barriga começou a crescer e não quero mais

levar essa vida. O que aconteceu comigo eu não desejo para ninguém. Sonho em ser modelo. Depois que tiver meu filho, vou começar a estudar.

Já passei por algumas instituições e não gostei do modo que fui tratada lá. A coordenadora gritava e não nos tratava com respeito. Acho que ninguém vai melhorar se isso continuar acontecendo. No Sentinela, consegui me recuperar".

Depoimento de Marília, 15 anos, que faz parte do Projeto Sentinela, de Vila Velha.



Ivone Villanova: "Mães também têm histórias marcadas pela prostituição"

OS PROJETOS DAS PREFEITURAS

VITÓRIA

Várias equipes de abordagens estão nas ruas. Além do Rede Criança, um dos projetos destinados a esses casos é o Programa de Atendimento às Vítimas de Violência Sexual (Pavivis), que funciona em parceria com a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e existe há oito anos.

VILA VELHA

Segundo a juíza da Infância e Juventude, Patrícia Neves, a "venda" para cabarês são as negociações mais comuns que envolvem pais que introduzem suas filhas na prostituição, que também acontecem na orla do município e região da Capuaba, entre outros locais.

Uma equipe de abordagem composta

de 125 pessoas vai às ruas diariamente.

No bairro Paul funciona o projeto Sentinela, programa desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Vila Velha (PMVV) com verba do governo federal. A iniciativa atende atualmente cerca de 60 crianças e adolescentes, vítimas de violência sexual ou praticantes de prostituição.

CARIACICA

A Secretaria de Ação Social ainda não tem um projeto destinado para esse fim. No entanto, segundo informações obtidas junto à prefeitura, o objetivo é implantar o projeto Sentinela no município dentro dos próximos meses.

Até lá, assim como nos demais municípios, o Conselho Tutelar, que possui sede em quatro bairros, é o principal órgão que atende as denúncias.

LINHARES

A prostituição avança pelas margens da BR-101, bairros de periferia e proximidades da rodoviária.

Para incentivar a população a denunciar, foi implantado o disque-denúncia, exclusivo para relatos de situações de violência sexual e prostituição infantil. O telefone de contato é 3371-3694.

A prefeitura intensificou a fiscalização em vários pontos de vendas de bebidas alcoólicas e abordagem de adolescentes.

Estima-se que no município existam de 20 a 30 meninas se prostituindo, muitas delas vindas do extremo Sul da Bahia.

Fonte: prefeituras citadas

O PERFIL DAS VÍTIMAS NO ESTADO

PROGRAMA DE ATENDIMENTO DE VÍTIMAS SEXUAIS (PAVIVIS) (*)

Sexo feminino205
Sexo masculino11

MESES DE MAIOR INCIDÊNCIA

Maio23
Novembro25
Dezembro26

MUNICÍPIOS MAIS ATENDIDOS

Serra66
Vila Velha48
Vitória46
Cariacica41
Viana8
Os demais1

TIPOS MAIS COMUNS DE DENÚNCIA DE ESTUPRO

Relação anal39
Relação oral16
Outros casos16
Manipulação24
Comprovação de abuso sexual6
Sedução27
Voerismo1
Sem informação1

FAIXA ETÁRIA

10 a 14 anos62
15 a 19 anos54

Acima de 20 anos52
zero a 948

PERFIL DO AGRESSOR

Desconhecidos65
Pai biológico8
Padrasto13
Parentes19
Avô2
Vizinhos21
Conhecidos37
Sem confirmação8
Namorados12
Sem identificação8
Sem informação31

(*) Números fornecidos pelo Conselho Estadual dos Direitos das Crianças e do Adolescentes, relativos ao período de janeiro a dezembro de 2001.

PROJETO SENTINELA

FAIXA ETÁRIA

0 a 6 anos07
7 a 14 anos43
15 a 18 anos06

SEXO

Feminino43
Masculino13

ESCOLARIDADE

Não estudam04

Analfabetos03
Educação Infantil03
1ª a 4ª série31
5ª a 8ª14
Ensino Médio1

COR

Negra20
Branca21
Parda15

RENDA FAMILIAR

0 a 1 salário mínimo43
1 a 3 salários mínimos07
Mais de 3 salários mínimos06

TIPOS DE AGRESSÃO

Abuso sexual53
Exploração sexual03

IDADE DO AGRESSOR

Menor de 18 anos01
De 18 a 30 anos05
De 31 a 40 anos04
De 41 a 50 anos12
Sem dados34

ETNIA DO AGRESSOR

Branco13
Pardos03
Negros04
Sem dados36